

CRÔNICA VII-

A interferência e participação do corpo na formação do conceito de ESCURO: a mente corporicizada.

ESCURO: ausência de luz ou incapacidade de enxergar?

Tudo vai depender do ponto de vista. Aliás essa é outra contribuição que o corpo como possível formador de conceitos mentais traz: a criação de perspectivas. Tudo dependerá do ponto de vista em que o conceito é olhado. E quem pode fornecer esses pontos de vista é justamente o nosso anguloso corpo humano com sua múltipla capacidade de se movimentar e de ser olhado.

Vejam os que diz o Aurélio no verbete **escuro**.

Escuro [do lat. *obscuru*, com mudança de prefixo.] *Adj.* **1.** Falta de luz; pouco claro; sombrio; tenebroso: quarto *escuro*. **2.** Tirante a negro: *roupa escura; pele escura*. **3.** Melancólico, tristonho, triste. **4.** *Fig.* Misterioso, escuso, suspeito: *Está sempre às voltas com negócios escuros*. **5.** *Fig.* Que não é claro, pouco inteligível; difícil, intrincado: *É escuro no expressar-se*. **6.** *Fig.* Que se distingue mal; que não tem sonoridade: *voz escura*. **7.** *Bras.* Diz-se de pessoa preta ou mulata. ~*V.* *bordo - , câmara -a e campo- . . S.m.* **8.** Escuridão(2). **9.** *Fig.* Lugar sombrio, recôndito. **10.** *Bras.* Pessoa preta ou mulata. – **No escuro.** *Bras.* *V. às escuras*(3).

Grosso modo, o olho humano possui dois tipos de células sensíveis à luz: **os cones** e os **bastonetes**. Esses dois tipos de células proporcionam ao homem uma visão central e outra periférica.

São os **cones** que permitem a visão central. **Durante o dia**, o olho se utiliza da visão central para perceber os objetos. Os **cones** são responsáveis pelas características mais positivamente decantadas da visão humana em relação à de outros animais: a capacidade de avaliar distâncias e profundidade; a capacidade de perceber as cores do universo e a capacidade de focar, mirar um mesmo objeto com os dois olhos simultaneamente, devido ao fato de eles serem frontais, ou seja, de estarem localizados na parte da frente da cabeça. A localização binocular frontal dos olhos humanos é a responsável pela percepção da imagem tridimensional. No homem o número de cones vai aumentando até chegar a um ponto **central** hipersensível, a **fóvea central**. A fóvea humana é constituída de 100% de cones. Poderíamos dizer assim que a fóvea é a área nobre do olho humano. E como há um propósito muito decidido de se colocar o homem no ápice do reino animal é essa área nobre a mais valorizada.

Em contrapartida são os bastonetes que permitem a visão periférica. No entanto, a visão periférica do homem não é tão poderosa quanto a de outros animais, como a do cão, por exemplo. O fato de os olhos humanos se localizarem na parte frontal da cabeça diminui a percepção lateral do homem. O que excede nos cones, falta-lhe nos bastonetes.

À guisa de um melhor entendimento da realidade ótica do homem, vamos estabelecer uma breve comparação entre a visão humana e a visão canina.

Os cães têm uma visão noturna muito melhor que a dos homens por duas razões: a)- eles têm mais bastonetes (que permitem a visão noturna); b)- o tipo de organismo canino tem condições de compensar a falta de luz com ‘uma estrutura chamada de “Tapetum lucidum”, que é uma superfície reflexiva localizada atrás da retina. A retina é

a área do olho que possui as células sensitivas a luz (cones e bastonetes), como já dissemos. O ‘tapetum lucidum’ reflete a luz de novo e em direção a retina, dando a esta uma segunda oportunidade de absorver a luz e, além disso, dá o aspecto de “olho de gato” “à noite quando um foco de luz de um carro, por exemplo, incide sobre o animal e o olho fica brilhante. Para os animais de hábito noturno o tapetum lucidum potencializa os raios luminosos favorecendo a formação de imagens no cérebro. O homem não possui ‘tapetum lucidum’ (Plonsky, 1998).

Depois dessa breve explanação, gostaria de fazer algumas perguntas retóricas e fabulosas:

1ª pergunta bem fabulosa: um cão, se pudesse conceituar mentalmente a noção de **escuro**, a conceituaria como ausência de luz? Fabulosamente, a resposta é **não**. Por quê? Por que seu tipo de organismo, seu corpo tem características capazes de perceber a luz mesmo em ambientes noturnos e não iluminados artificialmente. Tanto é assim que, à noite, se você quiser que seu cão vigie bem sua casa não é necessário deixar nenhuma lâmpada acesa para que ele enxergue melhor o ambiente. O sistema visual canino foi adaptado para ter uma boa visão em condições de baixa luminosidade: alto número de bastonetes e o tapetum lucidum.

2ª pergunta tão retórica quanto à primeira, mas menos fabulosa: pode o homem conceituar a noção de **escuro** como **ausência de luz**, se ele levar em consideração as características privativas, constitutivas de seu corpo? A resposta também é **não**. 100% de cones, visão central **diurna** privilegiada, mas não tão grande número de bastonetes, nem tapetum lucidum, impossibilidade de enxergar em condições de pouca luminosidade, escuro, escuridão.

Reiterando, se nós colocarmos o corpo humano na sua constituição visual como parâmetro para a formação do conceito de escuro, teríamos que dizer que escuro e escuridão são incapacidade de enxergar e não falta de luz. Mas preferimos, não tocar nas nossas limitações físicas e achar que não está em nós a falta, mas num outro qualquer, no caso, no ambiente.

Como disse *Nietzsche: o corpo é a grande razão:*

“ O corpo diz para seu eu: “Sinta dor aqui!” Então o eu sofre e pensa em como parar de sofrer – e é isto que o faz pensar. O corpo diz para o seu eu: “Sinta prazer aqui!”. Então o eu sente prazer e pensa no que fazer para ter de novo o prazer- e é isto que o faz pensar...”

Assim,

O corpo deve ter dito para seu eu: “Precisas melhorar a sua visão noturna, acabar com o escuro”. Então o eu sente a necessidade e pensa no que fazer para compensar o seu número reduzido de bastonetes e a ausência do tapetum lucidum na sua constituição visual: descobre-se o fogo, inventa-se a lâmpada e faz-se a luz.

Só depois desse longo processo histórico de superação e compensação dos limites corpóreos pode-se cristalizar o conceito de escuro como falta de luz. Depois de superada a dificuldade de visão noturna através do mundo iluminado pelo fogo das velas, lampiões, lamparinas e pela luz das lâmpadas elétricas de todos os tipos e tamanhos, cores, formatos o homem pôde acreditar que o escuro era a falta de luz. Talvez nossos ancestrais tenham sentido muito mais a falta de um maior número de bastonetes e do tapetum lucidum do que nós, que, ao entrarmos no mundo já o conhecemos iluminado mesmo que noturno.

No mínimo, dois caminhos:

- 1)- se **não** nos ativermos às características do nosso corpo como fornecedora do conceito de escuro – como faz o dicionário - predominará, no sentido próprio e nos figurados do termo, a idéia de *sem luz*. E isso conferirá a todos os que forem designados pela palavra um valor negativo, **aquele que não porta luz**, que culminará no uso de escuro para referir-se a **mulatos e negros**, preconceituosa designação étnica.
- 2)- se, no entanto, entendermos que escuro é **incapacidade de enxergar**, a responsabilidade pela incompetência de ver a luz caberá aos que enxergam mal: nós seres humanos destituídos de quantidade suficiente de bastonetes e do tapetum lucidum. Não haverá assim os destituídos de luz, mas os que assim são vistos por uma incapacidade do observador fisicamente limitado.